

A EAD E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ATRAVÉS DA PRESENÇA DO TUTOR EM AMBIENTES DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Mônica A. Prado Spinelli¹

Resumo

Este estudo aborda a construção do conhecimento através da presença do tutor em ambientes de ensino-aprendizagem, a partir da afetividade despertada, mesmo em um ambiente de aprendizagem virtual. Nesse contexto, é possível afirmar que o professor-tutor pode auxiliar no processo de aprendizagem na modalidade de ensinar à distância - EAD. Questiona-se, portanto, a respeito das ações dos professores-tutores em que se percebe que para a aprendizagem ocorrer é necessário a afetividade de tutores e alunos na Educação a Distância. Para responder ao questionamento pretende-se como objetivo geral demonstrar a importância do professor-tutor na EAD, descrevendo suas funções e a relação destas com as teorias construtivista e sócio-interacionista. A metodologia para a execução do presente trabalho consistiu na pesquisa bibliográfica e exploratória. Conclui-se que a aprendizagem e o desenvolvimento humano é de suma importância para a interação dos alunos com o seu meio, com os professores e com os seus pares e mais ainda num ambiente virtual, através da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC), contribuindo de forma relevante na modalidade da educação à distância.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade; Aprendizagem; Educação à Distância; Tutoria.

Abstract

This study discusses the construction of knowledge through the presence of the tutor in teaching-learning environments, from the affection aroused, even in a virtual learning environment. The guiding questions on the subject are: what are the differences about the place of virtual learning? From the virtuality is possible to learn and teach? What is the role of the present tutor involved with the Information Technology and Communication in relation to the virtual learning and affection? Rises as hypothesis for the questions the present tutor plays a strong role of intermediary, being a professional indispensable in the teaching-learning process in distance education environment. It is intended as a general objective to demonstrate the importance of the present tutor, who must act in affective and creative ways, from the Information and Communication Technology. As a conclusion it is possible that the tutor is the person who interacts performing the action of the other on each subject learning, stimulating students' ZPD for learning, even though the environment EAD a virtual environment which may be conducive for affection and student learning to be possible for teachers and students establish exchange ratios for your knowledge.

KEYWORDS: Affectivity; Learning; Distance Education; Tutoring.

¹Professora, especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Anhanguera. Email: mon.prado@uol.com.br

INTRODUÇÃO

O professor-tutor mais do que ensinar, trata do fazer e do aprender, atuando como mediador do processo ensino-aprendizagem, facilitador e incentivador do conhecimento e também da prática da aprendizagem individual e grupal (ALMEIDA, 2001).

Dessa forma, é possível afirmar que o professor-tutor pode auxiliar no processo de aprendizagem na modalidade de ensinar à distância - EAD. Como existem na educação presencial inúmeras evidências da importância da afetividade na relação aluno-professor e também aluno-aluno é relevante entender a importância dessa relação na EAD.

Questiona-se, portanto, a respeito das ações dos professores-tutores em que se percebe que para a aprendizagem ocorrer é necessário a afetividade de tutores e alunos na Educação a Distância.

Baseando-se no referencial teórico pesquisado, levanta-se como hipóteses alguns pressupostos relevantes da teoria construtivista de Piaget, a epistemologia genética e também da teoria sócio-histórica de Vygotsky, sócio-interacionista, enfatizando a importância da interação com social/cultural que envolve professores e alunos no processo de ensino-aprendizagem. Ambas as teorias, embora apresentem ideias distintas sob vários aspectos, apresentam elementos comuns na dimensão afetiva e pedagógica na educação.

Mediante o exposto, objetiva-se demonstrar a importância do professor-tutor na EAD, descrevendo suas funções e a relação destas com as teorias construtivista, sócio-interacionista e a aprendizagem significativa.

Como especificidades pretende-se;

- a) Conceituar a educação à distância (EAD);
- b) Explicar as funções e tarefas dos professor-tutor e como é conduzido o processo de ensino-aprendizagem na modalidade de EAD;
- c) Relacionar as teorias construtivista, sócio-interacionista e a aprendizagem significativa na EAD.

A metodologia para a execução do presente trabalho consistiu na pesquisa bibliográfica e exploratória. Para Köche (1997, p. 122) o objetivo da pesquisa bibliográfica é “conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-se instrumento indispensável a qualquer tipo de pesquisa”.

Fachin (2001, p. 125) afirma que a pesquisa bibliográfica “é a base para as demais pesquisas e pode-se dizer que é um constante na vida de quem se propõe a estudar”.

Cervo & Bervian (1996, p.49) afirmam que a pesquisa exploratória pode ser conceituada como:

O estudo exploratório é normalmente o passo inicial no processo de pesquisa pela experiência e auxílio que traz na formulação de hipóteses significativas para posteriores pesquisas. Os estudos exploratórios não elaboram hipóteses a serem testadas no trabalho, restringindo-se a definir objetivos e buscar maiores informações sobre determinado assunto

de estudo (CERVO & BERVIAN, 1996, p. 49).

Para Mattar (1999, p.80) “esse tipo de pesquisa é particularmente útil quando se tem uma noção muito vaga do problema de pesquisa” e “as prioridades poderão ser estabelecidas porque uma particular hipótese explicativa surgida durante a pesquisa exploratória parecerá mais promissora que outras” (MATTAR, 1999, p. 81).

Justifica-se a escolha pelo tema, tendo em vista que a pesquisadora atua como professora-tutora em uma universidade, na modalidade de ensino à distância, vivenciando aquilo que Freire (1996, p. 38) declarou sobre a atuação do professor como: “a prática docente crítica, implicante de pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”.

Também Moran (2007) explica o que é um educador, envolvido no conhecimento e na aprendizagem, independentemente da modalidade em que trabalha:

É um especialista em conhecimento, em aprendizagem. Como tal, espera-se que, ao longo dos anos, aprenda a ser um profissional equilibrado, experiente, evoluído, que construa sua identidade pacientemente, integrando o intelectual, o emocional, o ético, o pedagógico (MORAN, 2007, p.74-75).

E a modalidade EAD, embora seja diferenciada da modalidade presencial, como explica Kramer (1999) possui semelhanças e dificuldades, razão pela qual o professor-tutor irá fazer a diferença mediante a tecnologia utilizada pelos alunos:

Conforme explica Kramer:

A Educação a Distância terá que ser encarada como parte de um sistema que, embora conservando semelhanças com os sistemas tradicionais de educação, particularmente quanto aos objetivos que pretende realizar, se organiza de forma diferente e original para suplantar as dificuldades decorrentes do distanciamento entre o professor e o aluno (KRAMER, 1999, p.36).

Portanto, na aprendizagem e desenvolvimento humano é de suma importância a interação dos alunos com o seu meio, com os professores e com os seus pares. Nesse contexto, tais teorias, embora na época em que foram elaboradas nem se pensasse na Tecnologia da Informação e da Comunicação (TIC), contribuem de forma relevante na modalidade da educação à distância (EAD).

2. DESENVOLVIMENTO

Primeiramente, parte-se da hipótese que o professor seja competente na sua área de conhecimento e que esteja preparado para as devidas interações pessoais e grupais, ultrapassando os conteúdos a serem ministrados:

As mudanças na educação dependem, em primeiro lugar, de termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam

motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque dele saímos enriquecidos. Os grandes educadores atraem não só pelas suas ideias, mas pelo contato pessoal. Dentro ou fora da aula chamam a atenção. Há sempre algo surpreendente, diferente no que dizem, nas relações que estabelecem, na sua forma de olhar, na forma de comunicar-se. São um poço inesgotável de descobertas (MORAN, 2014, p. 1).

Moran (2014) afirma ainda que é importante educar para a autonomia, visando orientar o aluno para que encontre o seu próprio caminho para a aprendizagem:

É importante educar para a autonomia para que cada um encontre o seu próprio ritmo de aprendizagem e, ao mesmo tempo, para intercambiar ideias, participar de projetos e realizar pesquisas em conjunto. Só se pode educar para a autonomia, para a liberdade com autonomia e liberdade. Uma das tarefas mais urgentes é educar o educador para uma nova relação no processo de ensinar e aprender, mais aberta, participativa, respeitosa do ritmo da cada aluno e das habilidades de cada um (MORAN, 2014, p. 1).

Por outro lado, parte-se da hipótese que não existe uma teoria única aceita globalmente a respeito da aprendizagem escolar pelos alunos, entretanto, o que existe são respostas e conceitos que formam as teorias, que às vezes se complementam.

Dentre as Teorias Cognitivas existentes, no presente trabalho serão discutidas a Teoria Genética, cujo representante é Piaget; a Teoria Sócio-Histórica, cujo expoente é Vygotsky; e a Teoria Significativa, cujo referencial é Ausubel.

2.1 Piaget e a Teoria Genética da aprendizagem

Segundo Piaget (1977), a expressão genética neste caso refere-se à gênese - origem e processo de formação a partir da origem, constituição gerada de um ser ou de um fenômeno. Uma abordagem genética em psicologia não é uma abordagem centrada na transmissão hereditária de características psicológicas, mas no processo de construção dos fenômenos psicológicos ao longo do desenvolvimento humano.

A teoria genética proposta por Piaget (1977) é uma das teorias da aprendizagem que mais tem contribuído para a renovação do ensino. Nesse contexto, Piaget propõe que o conhecimento vai sendo construído no decorrer da vida do sujeito e que o conhecimento adquirido não é somente uma apreensão da realidade.

No processo de aquisição de novos conhecimentos, o sujeito vai selecionando as informações, dando-lhes o devido sentido. Para o autor, o sujeito vai conhecendo a sua realidade e se envolvendo com ela, modificando-a, através de suas ações, ou seja, para atuar é preciso conhecer. Piaget (1977) desenvolveu o esquema de ação, em que a mesma possa ser repetida, visando atingir os objetivos da aprendizagem.

Para Piaget (1987) os primeiros esquemas são reflexos e compõem-se de ações mediante os estímulos – assimilação e acomodação – sendo que o desenvolvimento vem antes da aprendizagem. Isto porque o ponto essencial da sua teoria é que o sujeito vai construindo os seus conhecimentos a partir da interação com a sua

realidade.

Portanto, para Piaget (1977) a maneira de ver o mundo de uma criança de 2 anos é diferente de uma criança de 7 ou de 15 anos, entretanto, ambos podem estar no mesmo ambiente físico e social, num processo de interação entre os alunos e professores.

Nesse contexto de sala de aula, Piaget (1977) afirma que a aprendizagem depende dos esquemas que são construídos pelos alunos e da maneira como estes são organizados, para o processo de assimilação da aquisição de novos conhecimentos.

E assim, o aluno vai aprendendo de forma natural e ao mesmo tempo vai desenvolvendo as ações e interagindo com os objetos, pessoas e meio em que está inserido. E o aluno vai aprendendo aquilo que é capaz, a partir do que ele já sabe, através dos estágios a seguir descritos:

- a) Estágio sensório-motor (que vai aproximadamente dos 0 aos 2 anos): o bebê vai resolvendo os problemas de forma prática e os mesmos vão ficando cada vez mais complexos. O bebê aprende, por exemplo, que um objeto não deixa de existir só porque está oculto e vai desenvolvendo ao mesmo tempo a memória e o pensamento;
- b) Estágio pré-operatório (que vai aproximadamente dos 2 aos 6 anos): nessa fase a inteligência da criança é simbólica porque a criança já pensa de forma simbólica, com os esquemas de ações já interiorizados e a criança vai desenvolvendo ainda a linguagem oral;
- c) Estágio das operações concretas (que vai aproximadamente dos 6 aos 11 anos): nessa fase a inteligência é operatória, baseada em operações lógicas e dessa forma o sujeito vai se organizando e tem a capacidade de reversibilidade de pensamento;
- d) Estágio das operações formais (que começa aproximadamente a partir dos 11 anos): nessa fase a inteligência é formal e o sujeito é capaz de fazer operações abstratas, resolvendo-as de maneira lógica, a partir de hipóteses.

A visão de Piaget (1977) sobre a aprendizagem aponta como ponto central que o aluno pode adquirir conhecimentos em interação com o seu meio, estudando os mecanismos no indivíduo e para isto se preocupar com os componentes do sistema cognitivo, os quais interferem na aprendizagem, tais como o conflito e o processo de equilíbrio, o desequilíbrio e o reequilíbrio do sujeito, durante o processo de aprendizagem e a sua interação com o meio, gerando assim, a aprendizagem do sujeito.

2.2 Vygotsky e a Teoria Sócio-Histórica da aprendizagem

A visão de Vygotsky (1984) sobre a aprendizagem aponta como ponto central o meio social na aprendizagem do sujeito. Sua Teoria Sócio-Histórica da Aprendizagem considera a interação do sujeito com o meio social para a aquisição cognitiva do conhecimento.

A construção da aprendizagem é realizada a partir da interação do aluno com seus pares ou com o professor, e tal interação tem um papel fundamental na aprendizagem do sujeito. Destaca ainda Vygotsky (1984) que a sociabilidade do sujeito é que vai facilitar a sua interação com o mundo cultural do meio em que ele está inserido e o seu mundo subjetivo, ou seja, a sua interiorização.

Vygotsky (1984) desenvolveu a sua teoria de aprendizagem baseado na Zona de Desenvolvimento Proximal, destacando ainda a interação da criança com seus pares para facilitar a sua aprendizagem e na concepção escolar seria o aluno interagindo com seus pares ou com os seus professores o que impulsionaria a sua aprendizagem.

Vygotsky (1984) conceitua a zona de desenvolvimento proximal como:

A distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas sob a orientação de um adulto ou a colaboração com companheiros mais capazes (VYGOTSKY, 1984, p. 97).

Vygotsky (1984) afirma ainda que nos procedimentos escolares ocorre ainda a imitação que nada mais é do que a reconstrução individual daquilo que o aluno observa nos outros alunos ou no seu professor, a partir do momento em que o sujeito ao imitar, vai realizando para ele a criação de algo novo, a partir do que foi observado nos seus pares, indo de forma, além da sua própria capacidade e contribuindo de forma decisiva para o seu próprio desenvolvimento.

2.3 Ausubel e a Teoria da Aprendizagem Significativa

Ausubel (1982) em sua teoria da aprendizagem significativa afirma que a partir do momento em que os alunos começam a entender e relacionar aos conceitos anteriores, novos conhecimentos a outros está se estabelecendo uma aprendizagem significativa.

Nesse contexto, a perspectiva cognitiva é o entendimento da aprendizagem mecânica a partir de um conhecimento e da aprendizagem significativa a partir de um processo de modificação do conhecimento, numa espécie de hierarquia relacionada à complexidade das relações dos conceitos que se estabelecem entre si.

Tais relações possuem um caráter hierárquico, de modo que a estrutura cognitiva vai sendo compreendida como uma rede de conceitos organizados mentalmente de modo hierárquico, de acordo com o grau de abstração ou generalização do sujeito aprendente.

O eixo central da teoria de Ausubel (1982) é a noção da aprendizagem significativa, a partir do enriquecimento da estrutura cognitiva do aluno, o qual já possui um conhecimento anterior e ao experimentar novas aprendizagens de forma adequada, promove a aprendizagem significativa.

Na aprendizagem significativa existem três vantagens sobre a aprendizagem mecânica: o conhecimento ad-

quirido de maneira significativa é retido e lembrado; com isso o aluno consegue aumentar a sua capacidade de aprender mais sobre outros conteúdos relacionados e, por último, se o aluno esquece o que aprendeu no início, naquele momento da aprendizagem significativa, ele se auto estimula para a reaprendizagem.

Ausubel (1982) descreve os mecanismos que conduzem à aprendizagem significativa: os conceitos inclusores ou âncora – que são as ideias previamente existentes na estrutura cognitiva do sujeito; a inclusão obliteradora – que é a interação entre o material de aprendizagem e os conceitos inclusores, os quais são modificados e incorporados à aprendizagem, num processo de assimilação dos significados anteriores com os novos significados.

Ausubel (1982) afirma que para a aprendizagem significativa ocorrer é preciso atender a três condições básicas: a significatividade lógica – que remete à estrutura interna; a significatividade psicológica – conseguida através da estrutura cognitiva de conhecimentos prévios pertinentes e ativados que vai relacionar com o material que deve aprender; e, por último, a atitude ou disposição favorável para aprender de maneira significativa – que é a forma como o aluno relaciona aquilo que aprendeu com aquilo que ele já sabe.

Ausubel (1982) criou os mapas conceituais, que são representações hierárquicas relacionando os conceitos relativos para uma área de domínio particular, buscando explorar os conhecimentos prévios dos alunos, a partir de uma rota ou trajetória de ensino e de aprendizagem e dessa forma, estimula-se a reflexão do aluno sobre os seus próprios processos cognitivos, ocorrendo então a aprendizagem significativa.

Portanto, Ausubel (1982) considera a estrutura cognitiva do aluno e a da maneira de apresentar e organizar o conteúdo do ensino como aspectos-chave para favorecer a aprendizagem significativa.

2.4 A tecnologia da informação e comunicação (TIC) facilitando a aprendizagem

Os instrumentos utilizados pela tecnologia da informação e da comunicação (TIC) são considerados ferramentas indispensáveis à educação, uma vez que, é através delas que se focalizam uma diversidade de informações para o estudo nas diferentes áreas do conhecimento.

Para Leite (2000, p. 1), a tecnologia da informação e da comunicação trouxe para a área do ensino diversos equipamentos para armazenar, processar e transmitir as informações, com maior rapidez e menor custo, entretanto “Os meios por si só não podem nem devem se constituir como o único campo de atuação e pesquisa da tecnologia educacional”.

Para Martino (2004, p. 2) é preciso “pensar a escola na sociedade do conhecimento pressupõe a elaboração de um novo paradigma educacional”. Isto porque não basta somente adquirir o conhecimento; é preciso reproduzi-lo aos diversos segmentos da sociedade, sendo que uma das ferramentas para potencializar as mudanças está no uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC):

Assim sendo, a sociedade do conhecimento tem três dimensões. Em primeiro lugar, engloba uma esfera científica, técnica e educacional ampliada, em segundo, envolve formas complexas de processamento e circulação de conhecimento e informações em uma economia baseada nos serviços, em terceiro lugar implica transformações básicas pela qual as

organizações empresariais funcionam para promover a inovação contínua em produtos e serviços, criando sistemas, equipes e culturas que maximizem a oportunidade para a aprendizagem mútua e espontânea. Pensar a gestão científica da escola remete-nos a um debate sobre a articulação da escola com o mundo, com a vida (MARTINO, 2004, p.2).

Nesse contexto, segundo Arend (2000), o computador é o mediador da aprendizagem e da construção do conhecimento:

Um ambiente de aprendizagem produtivo é caracterizado por um clima geral onde os alunos se sentem a si próprios e aos seus colegas de forma positiva, onde as suas necessidades individuais são satisfeitas de forma a que eles persistam nas tarefas escolares e trabalhem cooperativamente com o professor e onde os alunos possuem as competências interpessoais e grupais (ARENDS, 2000, p.129).

Martinho (2004) afirma que o uso da tecnologia de informação e comunicação traz para a escola uma participação mais efetiva na aprendizagem não só para o aluno, mas para toda uma comunidade:

Permitirá também que diferentes grupos, pessoas e instituições façam leituras e interpretações diversas sobre os fenômenos educativos, o que enriquece os debates e a prática educativa, como por exemplo, as questões de cidadania, responsabilidade social e cooperação são conceitos que começam a fazer parte dessas discussões. Isto contribuirá para o processo de democratização, uma vez que cada segmento que participe do debate – seja empresa, comunidade de pais ou moradores dos arredores das escolas – interprete os novos sentidos (e crie outros) da instituição escolar (MARTINHO, 2004, p.3).

Para Moraes (1997), a tecnologia de informação e comunicação pode contribuir na ampliação dos espaços de aprendizagem, transformando as informações em conhecimento:

Hoje sabemos que esses instrumentos podem facilitar a ocorrência desse ciclo e gerar novos ambientes de aprendizagem, que envolvem mentes humanas, redes de armazenamento, de transformação, de produção e de disseminação de informação e conhecimentos. Essas tecnologias da inteligência facilitam a criação de ambientes informatizados, ricos em códigos simbólicos, em representações de imagens, sons e movimentos e, quando adequadamente utilizados, poderão contribuir para a criação de micromundos ecológicos nos quais alunos possam interagir entre si, formular e testar hipóteses, estabelecer relações, produzir simulações rápidas e fáceis, construir conhecimentos que tenham correspondências com sua forma de pensar e compreender os fenômenos da natureza e os fatos da vida (MORAES, 1997, p. 219).

Segundo Dowbor (2001), a tecnologia de informação e comunicação é um instrumento à espera de múltipla utilização:

Por enquanto, as novas tecnologias são um instrumento à espera do tipo de utilização que dele faremos. O que representa para nós, como instrumento de transformação da educação, o fato de o conhecimento passar a se apresentar como um fluido não material que banha o planeta e que circula na velocidade da luz? (DOWBOR, 2001, 25).

Segundo Moran (2014, p. 1) o que muda é o detentor do saber, ou seja, o professor, que precisa se adequar aos meios, aprofundando-se no uso da tecnologia de informação e comunicação, a fim de transmitir a aprendizagem, auxiliando o aluno a avançar no seu próprio processo de aprendizado:

Não podemos dar aula da mesma forma para alunos diferentes, para grupos com diferentes motivações. Precisamos adaptar nossa metodologia, nossas técnicas de comunicação a cada grupo. Tem alunos que estão prontos para aprender o que temos a oferecer. É a situação ideal, onde é fácil obter a sua colaboração. Alunos mais maduros, que necessitam daquele curso ou que escolheram aquela matéria livremente facilitam nosso trabalho, nos estimulam, colaboram mais facilmente (MORAN, 2014, p. 1).

Para Ramal (2002) o uso da tecnologia de informação e comunicação transformou o professor num “estrategista do conhecimento” e também num “arquiteto cognitivo”:

O arquiteto cognitivo é um profissional; portanto, supera largamente a concepção limitada de mestre como resultado exclusivo de uma vocação ou um dom natural e as perspectivas intuitivas do magistério, para constituir-se como professor interessado pela evolução de seu saber pedagógico, que é específico e construído por múltiplas variáveis. (RAMAL, 2002, p. 191).

Moran (2014, p. 1) afirma ainda que espera-se do professor que ele seja competente na sua especialidade e que conheça a matéria que vai ministrar e que esteja atualizado sempre:

De um professor, em primeiro lugar, que seja competente na sua especialidade, que conheça a matéria, que esteja atualizado. Em segundo lugar, que saiba comunicar-se com os seus alunos, motivá-los, explicar o conteúdo, manter o grupo atento, entrosado, cooperativo, produtivo (MORAN, 2014, p. 1).

Por último Moran (2014, p. 1) destaca a importância da tecnologia de informação e comunicação presente no processo de ensino-aprendizagem, como é o caso da EAD:

Ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial. A Internet é um novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode ajudar-nos a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e de aprender (MORAN, 2014, p. 3).

2.5 A presença do tutor presencial na sala de EAD: a interação com o meio e com seus pares e a aprendizagem significativa

Piaget (1977) refere que o aluno pode adquirir conhecimentos em interação com o seu meio, estimulando os componentes do seu sistema cognitivo, contribuindo, a partir do conflito, do equilíbrio, do desequilíbrio e do

reequilíbrio do sujeito, para o processo de aprendizagem e da sua interação com o meio.

Para Vygotsky (1984) a aprendizagem tem como ponto central o meio social na aprendizagem do sujeito, a sua interação com o meio social para a aquisição cognitiva e o estímulo da zona de desenvolvimento proximal.

Ausubel (1982) afirma que para a aprendizagem significativa ocorrer é preciso atender a três condições básicas: a significatividade lógica, a significatividade psicológica e disposição favorável, cabendo ao professor representar hierarquicamente os conceitos relativos a uma área do saber a partir dos mapas conceituais.

Portanto, o professor e no caso do presente trabalho, o tutor presencial teria este papel essencial na construção da aprendizagem do aluno num curso de EAD – ser o elemento disparador e estimulador do conhecimento, agindo de forma afetiva, técnica e conceitual na interação do aluno com as tecnologias de informação e comunicação. Entretanto, o desempenho desse papel só se dará de forma adequada se o professor procurar conhecer o nível de desenvolvimento dos seus alunos, a fim de dirigi-los adequadamente para estágios de desenvolvimento ainda não incorporados por eles.

Dessa forma, os tutores funcionarão como motores de propulsão, lançando os seus alunos para novas conquistas e dessa forma a aprendizagem vai sendo construída, tomando como ponto de partida o nível de aprendizado de cada aluno e como ponto de chegada os objetivos estabelecidos pelo curso de EAD. O percurso a ser percorrido pelos tutores e por seus alunos dependerá das possibilidades dos alunos, ou seja, do nível de desenvolvimento potencial que cada um possui.

Nesse contexto, a intervenção do tutor torna-se um processo pedagógico privilegiado pelo papel explícito do tutor que é interferir na zona de desenvolvimento proximal (ZDP) dos seus alunos, estimulando os avanços que não ocorreriam de forma espontânea se ele estivesse sozinho em sua casa estudando via EAD.

Isto quer dizer que um aluno sozinho não teria as mesmas condições de percorrer o caminho para a sua aprendizagem, uma vez que a presença do tutor adiantaria o seu nível de desenvolvimento, pelos estímulos provocados na ZDP, com a demonstração e as instruções necessárias para que os alunos entendam as aulas que estão sendo postadas no seu ambiente virtual.

Além do professor, existirão também os demais alunos, os quais interagindo não só com o professor, mas entre eles, também poderão percorrer o caminho do aprendizado, ou seja, Vygotsky enfatiza o papel da intervenção no desenvolvimento, além de outros estímulos do meio em que o sujeito está inserido, que é o meio cultural e as relações transmitidas entre os sujeitos do grupo cultural, numa pedagogia diretiva e democrática.

Em suma, a interatividade do aluno com o sistema, através do tutor vai permitir que este ultrapasse a mera condição de espectador passivo para a condição de coautor do seu conhecimento, uma vez que o aluno pode interferir na comunicação em tempo real, como afirma Silva (2014):

Seja lá o nome que se dê, era digital, cibercultura, sociedade de informação ou sociedade em rede, o fato é que em nosso tempo a interatividade é desafio não só para os gestores da velha mídia, mas para todos os agentes do processo de comunicação. É um desafio explícito que mais parece ultimato à lógica da distribuição em massa, própria também da

fábrica e da escola. Esta última, em particular, visando atender a demanda moderna criada a partir do preceito iluminista de “educação para todos”, tornou-se instituição de massa, dispensando ao conjunto da população a ser instruída, um tratamento uniforme, garantido por um planejamento centralizado (SILVA, 2014, p. 1).

Isto porque não faz sentido ensinar sem ter para quem aprender, sem ter a participação do aluno, pois a aprendizagem é uma via de duas mãos – ensinar e aprender. Nunes (2014) afirma que o professor saiu do pedestal de saber tudo para ficar no mesmo nível dos alunos, facilitando a aprendizagem:

○ acesso aos programas educativos, que utilizam ferramentas como os computadores proporcionam aos trabalhadores uma formação geral para as tendências de qualificação industrial, mas torna-se ao mesmo tempo um paliativo democrático de acesso ao ensino e uma desculpa para o processo constante de exclusão em que se vive (NUNES, 2014, p. 1).

Para Kenski (2003, p. 24), a partir das TIC's o mundo vive um novo tempo de tecnologia, com a “ampliação das possibilidades de comunicação e informação, por meio de equipamentos como o telefone, a televisão e o computador, alteram nossa forma de viver e de aprender na atualidade”.

“Assim, a proposta de uma escola renovada pressupõe uma mudança cultural, envolvendo os dirigentes e seus colaboradores no processo de formação contínua, visando conscientizá-los da necessidade de rever o seu papel diante das novas responsabilidades que lhes cabem” (MARTINO, 2004, p.5).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante os autores estudados foi possível responder à questão central e norteadora a respeito das ações dos professores-tutores em que se percebe que para a aprendizagem ocorrer é necessário a afetividade de tutores e alunos na Educação à Distância.

Nesse mesmo contexto, destaca-se que o tutor virtual é o sujeito que interage e que funciona como um disparador do conhecimento, auxiliando no processo de ensino e aprendizagem dos alunos no ambiente virtual, ou seja, o papel do tutor, neste contexto de EAD, é o de mediador do processo de ensino e aprendizagem pautando-se no aluno como o sujeito do seu desenvolvimento humano e social.

Também foi confirmado o objetivo geral que era demonstrar a importância do professor-tutor na EAD, descrevendo suas funções e a relação destas com as teorias construtivista, sócio-interacionista e a aprendizagem significativa.

Conclui-se que o aluno vai para um curso de EAD para adquirir conhecimento e competências para o mercado de trabalho em que está inserido e a presença do tutor é de harmonizador das relações sociais entre os alunos e o ambiente virtual. O tutor, inserido no contexto desaparece como professor, dando lugar à figura do mediador, representando um meio para que os alunos alcancem, através da tecnologia de informação e comunicação, a

transmissão do saber, arti-culando este conhecimento, a partir das suas experiências, estimulando os alunos a assumirem o seu papel ativo de agentes do seu próprio processo de ensino e de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fernando José. **Educação à distância**: formação de professores em ambientes virtuais e colaborativos de aprendizagem. Revista de Novas Tecnologias na Educação. Disponível em: http://www.cinted.ufrgs.br/renote/nov2005/artigosrenote/a22_for-mando_formadores_em_rede.pdf. Acesso em: 21 maio 2014.

ARENDS, Richard I. **Aprender a ensinar**. Lisboa: McGraw-Hill, 1995.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

DOWBOR, Ladislau. **Tecnologias do conhecimento: os desafios da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1996.

KENSKI, Vani Moreira. (2003). **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. 2ª ed. Campinas-SP: Papyrus.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Makron Books, 1996.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3.ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

KÖCHE, J. C. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing: metodologia, planejamento**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LEITE, Márcia. **A influência da mídia na educação**. 2000. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/donadionara/w-1>> Acesso em: 02 out. 2014.

MARTINO, Mariluci Alves. **Desafios para a gestão escolar com o uso de novas tecnologias**. São Paulo, PUC-SP, 2004. Disponível em: <<http://www.sapientia.pucsp.br/>> Acesso em: 01 out. 2014.

MORAES, Maria Cândida. **O Paradigma Educacional Emergente**. 11. ed. Campinas: Papyrus, 1997.

MORAN, José Manuel. **Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/tecnologias_educacao/uber.pdf> Acesso em: 02 jun. 2014.

NÓVOA, Antonio. (coord). **Os professores e sua formação**. Lisboa, Portugal: Dom Quixote, 1997.

NUNES, Leonel Jorge Ribeiro. **As Tendências Educativas para o mundo do Trabalho**. Revista Iberoamericana de Educación. Disponível em: <http://www.rieoei.org/deloslectores/550Ribeiro.PDF> Acesso em: 06 out. 2014.

PIAGET, Jean. **A Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

RAMAL, Andreia Cecília. **Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Revista Pátio, ano 4, no. 14, agosto-outubro 2000, p. 21-24. Disponível em: <http://www.idprojetoseducacionais.com.br/artigos>. Acesso em: 01 out. 2014.

SILVA, Marco. **Sala de aula interativa: a educação presencial e à distância em sintonia com a era digital e com a cidadania**. Disponível em: <http://www.senac.br/BTS/272/boltec272e.htm>. Acesso em: 07 set. 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.